

447

Teatro Republica

170 "Para o Balcão"  
"Jornal Seman"  
"Jornal Seman"

SERÃO DAS FLÔRES, PROMOVIDO PELO SECULO, A FAVOR  
DAS VITIMAS DA GUERRA

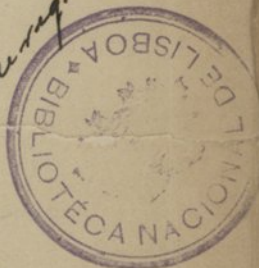
# A pantomima das Flôres

CONTO MIMICO DE

ACACIO DE PAIVA  
AUGUSTO DE CASTRO  
EDUARDO SCHWALBACH  
JULIO DANTAS

INTERPRETADO PELOS ALUNOS DA

*Defensa da República*



## Escola da Arte de Representar

Musica do *Prof. Herminio Nascimento*.—  
Encenação e composição do *Prof. Antonio Pinheiro*.—Bailados da *Prof.<sup>a</sup> D. Encarnação Fernandes*.—Indumentaria do *Prof. Castelo Branco*.—  
—Cenário dos alunos de cenografia da Escola da Arte de Representar (*Prof. Augusto Pina*).—  
Cabeleiras de Vitor Manoel.



# Figuras da pantomima

(Prologo) ROSA BRANCA Irene Neves

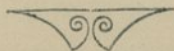
MARIA ROSA .....	Maria Amelia de Carvalho
SANTO ANTONIO .....	Vital dos Santos
SÃO JOÃO .....	Armando Batista
SÃO PEDRO .....	Seixas Pereira
ELE .....	Salvador Costa

ROSAS BRANCAS — Ema Videira, Catalina Gimenez, Deolinda Marques, Eva Fernandes, Hortense da Cruz, Isaura Rocha, Julia Batista, Ofelia Brochado, Zulmira Vargas.


CRAVOS VERMELHOS — Alice Machado, Alice Ribeiro, Carolina Batista, Ilda Ralão, Irene Neves, Lilia Lopes, Maria Emilia Leitão, Silvina d'Oliveira.

BOTÕES DE ROSA (*bailarinas*) — Tereza Loriente Amelia Martins, Anita Sanz, Cremilda Torres, Josefa Loriente, Liliane Carré.

BORBOLETAS BRANCAS (*bailarinas*) — Hortense Martins, Vitoria Ruiz.





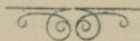


## Argumento

---

Maria Rosa vive de fazer flores de papel. Habita uma pobre agua-furtada. Tem o noivo longe, e tem vinte anos. E' noite de S. João. Na rua, passam guitarradas, folias. Ela, trabalha. Já noite alta, a fadiga vence-a. Antes de se deitar, queima uma alcachofa; faz a sorte do ovo para vêr se será feliz; escreve tres nomes em tres papelinhos, queimando um, deitando outro fóra, guardando o ultimo debaixo do travesseiro. Será realmente com Ele, com o seu noivo, que ela casará? Assoma á janela, a ouvir os descantes. Enfeita de flôres o seu S. Antonio, o seu S. João, o seu S. Pedro de barro. Conta as tristes moedas de cobre que tem n'uma gaveta. Ceia frugalmente um pedaço de pão. Despe-se. Deita-se. Lê, sorrindo e chorando uma carta d'Ele. Beija-lhe o retrato. Resa a uma imagem da Senhora da Conceição. Apaga a luz. Adormece. Sonha. Na escuridão, uma pequenina borboleta luminosa, revôa, n'um adejo de prata. De repente, a agua-furtada enche-se de luz. As fiôres de papel do quarto de Maria Rosa animam-se, humanisam-se, resplandecem, dançam-lhe em volta do leito. Um bailado de rosas brancas e de cravos vermelhos floresce n'uma luz doirada de sonho. Santo Antonio aparece,

abraçado ao seu mangerico, muda as moedas de cobre em oiro, as côdeas de pão n'um grande pão de ló, e—mensageiro de amor—faz florir, dançando, a alcachofa da janela. Vem S. João. Traz, n'uma bilha de Extremoz, a agua que fará ainda mais bela Maria Rosa. Depois, é S. Pedro que surge, com a chave de oiro da felicidade, e troca por outro o papelinho das sortes que estava debaixo do travesseiro. N'isto, a luz de sonho extingue-se; santos, flores e borboletas desaparecem: Maria Rosa acordou. Levanta-se, na escuridão. Abre a janela. Os sinos tocam. A luz azul da madrugada inunda-lhe o quarto. Vê a alcachofa: floriu. Vê o papelinho: é o nome d'ele. Vê o copo: tem um palacio encantado. N'isto, batem á porta. Quem será, áquella hora? Maria Rosa, semi-nua, deita um chaile pelos hombros. Uma voz adorada fala-lhe, a porta abre-se, e enquanto os sinos tocam, enquanto o sol nasce,—o noivo, de volta, cae-lhe nos braços. Fôra feliz sonhando. Acordara feliz.





1916

Ofic. "Ilustração Portuguesa"  
Rua do Seculo, 43  
LISBOA